

Assentamento Tarumã, município de  
Araguacema - TO.

A Comunidade Bee-Wari, 16-09-2001.

Excmo. Sr.  
Ministro da Justiça  
José Gregório

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data
cos. KHD00041

Excmo. Sr. Glênio Alves da Costa  
Presidente da Funai

Dr. Debora da 6ª Câmara

Excmo. Excelentíssimo Governador - TO  
José Wilson Siqueira Campo

Nossa vida é sofrida por isso  
queremos voltar para a nossa terra.

Em nossa terra nós vivia muito  
feliz por que nós plantava, pescava,  
caçava, criava: vaca, cavalo, porco,  
galinha, cachorro, pato, peru.

A nossa terra era muito rica, tudo  
que nós plantava dava bem: Arroz,  
milho, mandioca, feijão, Batata,  
Ervane, taiobá, cana, banana.

Nós não tinha escola nem saúde pú-  
blica mas mesmo assim tudo era  
bem, por que nós fazia nossas festas  
e comidas como aprendemos com  
nessos antepassados, nós trabalhava  
em comum, plantava, criava, comia,

juntos. A terra dava tudo não presi-  
zava usar adubo, a terra era grande  
e só existia nós não tinha branco.

A comunidade sabia preservar as  
matas, os rios, os lagos, quando vinha  
os parente nós fazia festa.

Nós tinha nossos freqüentes o  
Sr. Ananias Renovato e Sr. Antonio  
Bolinha eles, comprava nossos merca-  
dorias e nos comprava a mercadoria  
deles, sem precisar fazer um frete  
para ir até a cidade comprar que tinha  
necessidade. É tudo era de acordo.

Nós tinha duas aldeias as duas era  
na beira do rio, uma era para época  
do inverno por que lá não abrigava  
e a outra para nos ficar no verão  
perto dos peixes e frutas de verão como:  
Piqui, gimpapo, oiti, Bacupari, Criuli,  
taturupa, pursor, Cagaita, mutamba  
cayá, yatoba, Tucum, marajá, miridiba  
beritirana, macauba, babão, coco cateli  
coco babacu, murici, naja. Além dessas  
frutas do mato nós tinha as que nós  
plantava: mamão, goiaba, manga, café,  
abacati, laranja, limão, limão, abacaxi e  
maracujá.

A nossa felicidade acabou quando  
fomos espulso da nossa terra pelo  
o fazendeiro José Flávio e quatro homens  
desconhecido, ele chegou e disse que  
aquela terra era dele, chamou toda  
comunidade e falou para nós sair  
da terra e disse se nós saísimo

ele fazia despejo na cidade mas próxima e pra isso ele tinha autoridade.

O Sr. Milton chamou os pais de família para uma combinação.

Quando chegaram na fazenda o Sr. José Flávio disse para nos desocupar a areia que ele ia nos enderizar e nós falamos que não, Sai da terra que é nossa por isso não queria dinheiro.

Eles levaram nós para uma sala, o Sr. Milton nós disse que era melhor nós aceitar o dinheiro, por que esse povo é rico e perigoso, é melhor aceitar por que vocês vai sair de qual-quer maneira. Obrigaram a receber 10 cruzeiro e só cinco recebeu.

No primeiro dia fizeram seus barracão de lona de caminhão.

No segundo dia chegou o caminhão e começaram a pega as coisas e colocar em cima para desocupar as casas. Trocheram uma Carreta de Trator com quarenta porcos e outra carreta de cheia de bodes colocaram os porcos dentro das casas como se fosse um mangueiro, e jogava os milho no paiol e jogava para os porcos quando terminaram colocar as coisas no caminhão dos que receberam, foi a maior tristeza nós despia chorando.

Os outros que ficaram tiveram que sair de Canoa deixando as coisas que não podia carregar, para trazer.

4  
farinha, arroz, milho, mandioca, algodão, porco, galinha, oficina manual, pilão, cama, mesa, prateleira, cadeira e muitas frutas com: banana, batata, cana abóbora, melancia, restia de Sebola e alhos sem contar os animais como: Cavalos, cachorro, vaca, porco, galinha, pato e peru.

O grupo que recebeu uma mixaria foram deixados pelo o fazendeiro na cidade de Dueri debaixo de um pé de piqui em frente a casa do Sr. Pedro Cam.

O outro grupo que saiu de canoa foram para a fazenda, Canto-Bom, dali começou a nossa peregrinação pela a região. Fomos forçados a se separar por que os fazendeiros tinham medo de nós tomar suas terras assim eles alegavam e tivemos que se dividir para trabalhar e sobreviver. O grupo nunca se separou, mas os que trabalhavam trazia o sustento para os que não podia; velhos, crianças, doentes.

Não tendo terra para morar dirigimos a cidade de Dueri, ficamos na periferia da cidade com apoio do Prefeito. Foi lá que tivemos o primeiro contato com a Funai. Foi protocolado um documento com o nº 00/701/84.

A Funai nós fez uma proposta que era levar nos para Ilha, porém nós não aceitou, pois o que nós queria era voltar para a nossa terra, e não ir pra

dos outros, mas a Funai nos obrigou a aceitar, ameaçando cortar toda a assistência de nosso grupo, ficamos com medo pois não sabia o que podia acontecer com a nossa comunidade, nos sentimos ameaçados e fomos obrigados a ir para a Ilha, até que a Funai resolveu o problema de nossa terra.

Tivemos uma reunião com Funai e lideranças yarai e carajá. Ficou acertado nessa reunião que nos podia caçar, pescar e usufruir da Ilha, como qual quer yarai e carajá.

A Funai mandou um grupo de oito pessoas a qual foram: Ailton vice superintendente de Goiânia

Gilson Diretor do parque

Tomás e Almir técnico indigenista

Leondas e o Piloto. Deste grupo

tinha destinado a Ester e a Mônica junto com mariano Sebastião e Felisiano técnico do grupo kraô para conhecer onde ia construir a nossa aldeia, então ficou acertado entre nos que o lugar onde nos passaria a morar.

Fomos de mudança no dia 17.07.1987.

Nestes 12 anos que moramos na Ilha do Bananal passamos por momentos de fúria nós sempre lembramos a Funai que queremos voltar para nossa terra nunca deixamos de falar isso para Funai.

A nossa comunidade sofreu ataques agressões físicas nos roubaram nos ameaçaram de todas as formas e nos expulsaram até que um dia, funcionário da Funai chegou com 80 índios Carajá e Yavai para pescar tartaruga e durante a estrada parou este caminhão na venda do Sr. Aroudo Parião e obrigou a este ser dar Panga para os índios e eles foram bebado e armado e atacou nossa aldeia, Saqueando alimentos, faca, facas, Arame, lona, rede, Colchao, Cervejas tudo isso amando do Sr. Fernandes Carlos Reis, Chefe de posto da Funai. Ficamos com medo e entramos na mata para nos proteger, Fernandes deu muitos tiros em volta do nosso pessoal, provocando aborto em duas mulheres: Maria Alderir Rairiru e Albertina impediram que estas crianças podessem viver e dar outras vidas.

A Funai sempre colocando os índios contra nós provocando desunião criando fofoca, contando mentiras quase levando todo a morte, funcionário da Funai chegou em nossa Aldeia Armado com Arma 1,7  $\frac{1}{2}$  5 dando tiros cerrando nossos cercais e forçando os homens a Terminar de Arrancar com seus próprios braços. Partes das casas foram ao  $\frac{1}{2}$  com motor-serra e derubada amarrada com cab-de-aço e puxada com a Toyota, depois de tudo no chão

Cortaram em pedaços pequenos e mandou eles apuntar os pedaços pois um pouco de gozolina e apontando a arma para o único Kraô e o mandou tocar fogo, essa pessoa que fez tanta maldade e por isso ainda roubou nossos motor. Serra de baixo de nossa cama. Como se não bastasse Amarraram o Anuar e o Adonias na canoa era um grupo que estava amarrado de Edson Beriz e encluzire ele estava armado com uma arma 1.7  $\frac{1}{2}$  5. e os outros conduzia arma de calibre 12 e Carabina de calibre 38 revólver 38 rifle 22 automático de 15 tiro.

Assim foi a nossa dura e triste vida. É apesar de tanto sofrimento a Funai nos <sup>nosso país</sup> de fazer nossa roça de pescar, caçar, tanto que é verdade a nossa história que o prefeito Domingos Pereira Coelho de Formoso do Araguaia TO foi testemunha do nosso sofrimento pois o prefeito sedeu um caminho para Fernandes levar os índios para uma praia do Yavaí. no outro dia ficou sabendo que Fernandes avião levado os índios para saquear a nossa aldeia.

Ele o prefeito sabendo do que tinha acontecido chamou a polícia e foram a aldeia e poderam constatar pela as condições que encontrava a aldeia.

Ele ficou indignado chamou Mariano Facique e Felício para ir até a delegacia e registrar ocorrência.

E se comprometer de esta mandado  
alimentos.

Tanto que a nossa luta era só com  
a Funai que nossos parentes Jarai e  
Carajá, nos visitava constantemente  
e nos convenceram a volta para a  
aldeia. Pois nem eles sabia o por que  
Fernande chefe do posto da Funai  
tinha feito tudo isso.

A Comunidade decidimos que ali  
não dava mais ficar, e foi aí que  
resolvemos procurar o Ministério <sup>Publico</sup> Federal.  
na pessoa do Dr. Mário Lucio e contamos  
todo sofrimento, e dissemos a ele que nós  
queria voltar para nossa terra.

Começou mais uma luta e sofrimento  
para nós, a procuradoria queria acatar  
a gente em um assentamento do Incra  
porém o Incra <sup>dizia</sup> não porque nós era índio  
mas a Funai dizia que nós eramos  
branco o Incra nós disse que para  
ser assentado nós teria que assinar  
um documento dizendo que nós não  
era índios. Mas nós não aceitamos  
assinar este documento negando o  
nosso natural. Tivemos várias reuniões  
depois de muita conversa Dr. Mário Lucio  
fez uma proposta na presença do  
Superintendente do Incra de escolher uma terra  
para a nossa comunidade morar.

Eu Mariano junto com o técnico do Incra  
olhamos 8 terras e não agradamos  
de men uma eu Mariano comunicou  
o Dr. Mário Lucio que não tenha



agradado de nem uma. Ai ele fez outra proposta e o seguinte disse ele que tinha uma terra muito boa igual a que nos morava na Ilha do Bananal, se seja com rios, lagoas, muita matas, lagos muita caças e peixes e disse que eu mariano não prezizava ir conhecer o lugar pois se eu acredito se nele não prezizava ir na terra.

Diante do compromisso do procurador nos não fomos conhecer esta terra e mudamos no dia 06-07-1999.

Num caminhão e em Ônibus, saímos por volta da 5hs e 30 minutos em direção a terra. Fizemos uma parada em Paraiso tivemos que dormir no chao do posto de gasolina, fazia muito frio fizemos outra parada em Cazeira.

O motorista do ônibus nos fez uma ameaça de nos deixar na rua pois não sabia aonde ir nos levar, fomos levado para o acampamento Tarumã chegamos as 10 horas da noite, 15 km do local previsto, no outro dia pegamos outra direção que nos deixou aonde hoje estamos.

Quando chegamos ficamos desiludido choramos muito pois o lugar é muito ruim ficamos dentro do mato pois não tinha casa e nem água no outro dia fomos conhecer a terra e percebemos que a terra era ruim, dai comunicamos o Dr. Máio Lucio que o lugar que ele tinha indicado

nao dava para sobreviver, entao ele disse para nos e o seguinte o problema e que voces nao e indio e tem que receber o tratamento do Inca. Da mesma forma dos outros asentado.

Recebemos um termo do Inca que vai fazer cadastro das familia so que nos nao sabia o que era cadastro, se nos tiver este cadastro nao recebemos as casas, nem ajuda para agricultura e nem mesmo fica com a terra.

Um dia chegaram carro do Inca e nos levou para Palma. E fizeram os nossos documento: carteira de identidade e CPF os nossos documentos antigos foram levado pela a Funai na pessoa de Fernandes Carlos Reis. Recebemos uma ajuda do Inca ficando duas familia sem nem um tipo de ajuda. Este lugar so nos traz tristiza e sofrimento a nossa situacao e muito grave, pois nos nao tem agua para nossa sobrevivencia, a agua que nos bebemos e cozinhamos e de outra terra, nosso povo esta muito doente principalmente as crianca e velhos e tanto sofrimento que nao nasce crianca em nossa comunidade a terra so produz com adubo, roca so mecanizada e nos nao sabe trabalhar com esse tipo de roca. O Itama e quem define o lugar e onde vamos trabalhar. Isto nao aceitamos. Quando chegamos a comunidade botou uma roca de 5 alqueires pensando que nesse lugar podia fazer

alguma coisa como a justiça nos prometeu e como era o nos costume logo o Ibama chegou procurando por que nos tinha derubado aquela roça sem autorização da lei, logo eles deu uma ordem que não podia queimar sem a presença deles e sem que desse duas chuvas, nós achamos muito pesada essa proposta, nos pensamos como que a roça molhada vai queimar, por esse motivo não tenho consciência de sobreviver nesse acatamento. Se nós ficamos aqui vamos todos mundo morrer de fome, sede, doenças por esse motivo queremos voltar para nossa terra.

Por que lá vai nascer más crianças e vamos encontrar todo nosso povo a nossa terra é muito boa, tem muita alimentação pode fazer nossas festas tradicionais e viver com muita alegria e nosso costume.

Pedimos aos senhores que quando ler este documento venha ver a nossa realidade e exigimos que a Funai resolva o problema da demarcação da nossa terra

cege as assinaturas da comunidade

- MARIANO WERIDE KRATÓ
- Fulcissimo Pexeroca Krató
- EVILACIO THUNONI KRATÓ
- VALDETE HAWERERE KRATÓ
- Camiano Odmaro Orisberi Krató
- Estevan Wjau KRATÓ

- Abraão W Ha galú kra Hô
- Anuar Derue kra Hô
- Jansiana Nãrri
- Rafael Sebastião kra Hô
- João Tiwã kra Hô
- Jaacima Jotypêh kra Hô
- Wagner KAMAURŪ kra Hô
- Amare kra Hô
- Carolina aulã kra Hô
- Severte de Javai kra Hô
- Baiok kra Hô
- Raim kra Hô
- João Krauxiô kra Hô
- ARGEMIRO TAPUA kra Hô
- Leize Laiva kra Hô
- Olga (LAW) AWRĀ kra Hô
- Raque GUATŌ kra Hô
- Onilde Nawê kra Hô
- Raabe Anaty kra Hô
- Valéria Botirri kra Hô
- Rizone WAKAIOK kra Hô
- Yôta Nipem kra Hô
- Valdélia Potira kra Hô
- Albertina RAREDIĀ kra Hô
- Neê SWONBAE kra Hô
- Juandy KOROĀ kra Hô
- Valdileni Semuki Di kra Hô
- JOPL Simunã kra Hô
- Maria Gentileza Ribeiro Ilytytyre kra Hô
- Mecias DEMEKĀ kra Hô
- Josiel Kupikumenkã
- Almir WAIKARENĒ kra Hô
- Elias Ayom kra Hô
- João Batista WAKKRENĀ TELHĀ Sxakô

Maria Celdereis Raynieri Κρανό  
Ραϊνιέρια Καζδίνια Κρανό